

RELATÓRIO SOBRE A ÁREA PARI-CACHOEIRA
(PORTARIAS Nºs 2003 DE 17/01/86 E 2018 DE 04/03/86)

Compreendendo toda a região do Noroeste Amazônico, entre os rios Içana, ao extremo norte, ambas as margens do rio Xiê e a margem esquerda do rio Negro, a leste, o rio Curicuriari ao sul e o rio Traíra a oeste, vários povos de diferentes línguas ali habitam, distribuídos em inúmeros aldeamentos, numa constelação humana de grande riqueza cultural.

No quadro em anexo, fornecido pela Prelazia do Rio Negro, estão relacionados os povos existentes no Vale do Rio Negro, no Estado do Amazonas, ou seja, na área de atuação da Prelazia, discriminados por família lingüística de território.

De acordo com diversos estudos já procedidos, tendo como base a divisão por área de cada paróquia dos Salesianos na área, foi previsto a criação de diversas Reservas, adjacentes, mas bem definidas entre si como Jauaretê, Kubatê, Taracuã, Içana-Xiê e a própria Pari-Cachoeira onde, em cada qual, seus habitantes vivem em relativa autonomia. A verdade, porém, é que toda aquela grande região citada compreende um território comum onde os diversos grupos tribais estão unidos entre si de forma profunda e complexa, através de laços de parentesco. Os casamentos são exogâmicos ou seja, ninguém se casa dentro de seu próprio clã, mas ao contrário, deverá unir-se com alguém de um clã, do mesmo grau de importância, de uma outra aldeia e tribo. São conservados assim, entre muitos outros, três aspectos culturais de máxima importância: a coesão social inter-tribal, a manutenção das classes sociais divididas de acordo com seu nível tradicional, e a coesão territorial. Por esta razão, toda aquela região representa virtualmente um único território.

O aspecto das classes sociais remontam à própria história da formação do povo, sua estrutura e organização social, ligada em sua origem, à ordem de idade dos filhos varões, a partir do mais velho. Este, o mais importante, determina a linhagem mais nobre, seguindo-se a dos irmãos mais novos, em escala decrescente, determinando assim, com o passar dos tempos, a formação das diferentes categorias clânicas. São grupos patrilineares e patrilocais. A mulher adquire importância a partir de quando, pelo casamento, torna-se esposa de um membro varão de seu clã correspondente a seu grau social. Assim, num casamento, uma parte é obrigada a conhecer o idioma ou dialeto da outra. Foi-me aliás informado que existem clãs muito importantes, segundo a referida formação histórica, que se encontram na Colômbia, entre os Tukano ocidentais.

Os Maku, dos quais alguns grupos se autodenominam HUBDE (gente) como afirmação de seu valor, estão, salvo exceções, fora deste esquema de união por casamento, vivendo separados, caracterizando seu relacionamento com os demais povos na qualidade de fornecedores de caça, pesca e outros produtos silvestres. São exímios caçadores e sua arma tradicional é a zarabatana cujas pequenas setas, lançadas por sopro, contêm um veneno mortal, de formulação secretamente elaborada por eles. Outros povos, de acordo com sua manifestação cultural, destacam-se em diferentes objetos artesanais: os Tukano, pelos bancos de madeira trabalhada e pintada com motivos típicos; os Tuyukã especializam-se em canoas e remos; os Desana na confecção de balaios e cestaria em geral; os Kobewa têm nas máscaras mortuárias sua expressão artesanal mais elaborada; e os Baniwa fazem raladores de mandioca em madeira.

E assim por diante. Periodicamente são realizados eventos onde, numa forma de feira, chamada DABUKURI, trocam-se bens conforme os interesses de cada parte, num clima de festa; geralmente entre as aldeias mais próximas, mas podendo haver participantes de outras áreas, inclusive de além da fronteira. Podemos considerar, assim, a propósito, um outro

aspecto muito citado, desde as primeiras reuniões gerais com a equipe: o da divisão do povo. Quando, durante dois anos, a Comissão de Limites demarcou a fronteira política entre Brasil e Colômbia, determinou automaticamente a separação dos povos indígenas da região. Grupos Tukano, Kobewa e Maku, entre outros, tornaram-se brasileiros ou colombianos, conforme o lugar que habitassem, o que traduz evidente razão de queixa entre eles. Há - e não poderia deixar de existir - trânsito entre as diferentes famílias através da fronteira, mas em geral, cada parte que permaneceu no lado colombiano ou brasileiro, fala Espanhol ou Português, havendo quem se expresse em ambos. Não foram assim consultadas e consideradas, na ocasião, as minorias étnicas, habitantes imemoriais da área. Desse modo, por exemplo, vamos encontrar em todo o curso do rio Traíra e seus afluentes grupos Maku que habitam tradicionalmente aquela vasta região de fronteira. A presença indígena no rio Traíra está melhor abordada mais adiante.

Foi citado anteriormente que os diferentes povos viviam em sua original auto-suficiência. Todavia, com a diversificação econômica e dos novos hábitos de consumo trazidos pelos não-Índios, o processo ficou mais complicado. A simples economia de troca, com os bens obtidos da própria natureza regional, já não mais foram correspondendo à realidade. A Missão Salesiana, instalada em Pari-Cachoeira desde 1940, ao tempo do Tuxáua José Paicoema, exerceu papel preponderante. A formação escolar e profissional ministrada pelos padres, embora trazendo vantagens reconhecidas pelos próprios Índios, revertiam porém, numa conceituação ideológica diferente, mais voltada para valores não-Índios. A colocação individual no mercado de trabalho da Sociedade capitalista, em cidades como Manaus, por exemplo, nem sempre era garantida, na dura competição pelas oportunidades e, por outro lado, afastava o povo de seus valores tradicionais, provocando frustrações. Apenas de alguns anos para cá a Missão tem procurado mudar tal orientação, mas o caminho da retomada dos valores culturais é lon

go e a própria atividade artesanal vem sendo desprezada, bem como festas e rituais próprios.

Uma das maiores deficiências naturais da região, exacerbada pela criação de novas necessidades, é o da baixa fertilidade da terra. Pouco fértil, pobre de caça e com rios pouco piscosos na região do rio Tiquiê, salvo em certos trechos, não é fácil manter na área os padrões de subsistência hoje exigidos. A mata, apesar de exuberante, não é rica em produtos que tenham alta cotação no mercado como a castanha-do-Pará, por exemplo. A piaçava, a sorva e o cipó-titica, em contráveis na região, estão presentemente sendo mal pagos, enquanto que os produtos industriais de consumo, trazidos pelos regatões que sobem o rio Tiquiê, chegam sempre a preços altos, como é conhecido. Os cocos buriti, açaí e bacaba são alimentos naturais simples, mas perecíveis e sazonais, sem valor comercial na área. O epadu, produto natural e de uso tradicional entre os povos indígenas da região, não pode ser vendido por se tratar de alucinógeno, sendo seu comércio contravenção.

Desse modo, a recente descoberta de ouro na região pelos próprios índios tornou-se uma nova e promissora opção econômica.

Muito se tem questionado sobre a prática de atividades garimpeiras em áreas indígenas e principalmente no caso de serem praticadas por eles próprios. Aliás, são sempre discutíveis quaisquer elementos novos introduzidos nas comunidades indígenas, desde o fornecimento de roupas, remédios e munições, quando dos primeiros contatos, até à abertura de estradas e introdução da mecanização numa fase posterior.

A introdução do conceito de riqueza pela posse de bens materiais, típico de nossa sociedade, traz efeitos dissociativos imediatos sobre o grupo. Desequilibrará sua estrutura e organização sociais em todos os sentidos, o que já está exaustivamente comprovado. Em determinados casos, porém, temos

que emitir uma postura diante de situações verdadeiramente consumadas. A atividade garimpeira na área Kayapô entre os grupos Gorotire e Kikretum é exemplo de uma realidade que, com seus aspectos positivos e/ou negativos conforme os diferentes pontos de vista, tem que ser reconhecida e administrada. Como em qualquer povo do mundo, se uma comunidade indígena assume decididamente um determinado empreendimento, não importa a abrangência, mas sendo de sua livre opção, não há por nossa parte o menor direito em cercear suas ambições pelo que diz o próprio Estatuto do Índio em seu art. 1º, itens IV, V, VI e VIII. Cabe-nos, sim, orientar, sem oprimir, no sentido de desenvolver as habilidades técnicas indispensáveis e colocar com apoio logístico em setores necessários ao longo do processo. No caso das atividades garimpeiras que ora se desenvolvem na Serra do Traira, os índios estão dentro de seu mais legítimo direito, pois além de a realizarem dentro de seu território imemorial de ocupação, foram eles os descobridores do minério e iniciadores de sua exploração, como se verá adiante.

TRAIRA/APAPÓRIS : TERRITÓRIO MAKU

Para definir-se a área do rio Traira, em toda a sua extensão, como indígena, basta examinar os depoimentos e fotos em anexo, que se comprovará que todo o vale do rio Traira é território indígena indiscutível, principalmente por parte de grupos Maku. Mesmo, porém, índios Tukano e Tuyuka entre outros, sempre utilizaram o rio Traira como rota de comunicação entre Pari-Cachoeira e Vila Bittencourt onde há algumas famílias indígenas que moram e trabalham (v. quadro anexo). Como é raro o tráfego de aviões entre ambos, a rota terrestre se faz através da subida do rio Castanha, afluente do Tiquiê, e a descida dos rios Castanho, Traira e Apapóris, cumprindo-se a pé os trechos dos divisores de água entre as bacias do Traira e Tiquiê, sendo todo o percurso vencido em cinco ou seis dias.

Acompanhando-se no mapa, podemos começar o exame da parte sudoeste a partir da Vila Bittencourt (foto 05). Uma vez demarcada a fronteira pela Comissão de Limites, foi fundada a vila no dia 16 de agosto de 1933, juntamente com os núcleos militares de Tabatinga no rio Solimões e Ipiranga, no rio Içã. O nome se deve ao desbravador da região, Antônio Bittencourt.

A vila recebeu o então Destacamento de Fronteira que passou a ser, em janeiro de 1937, Pelotão Independente. Em 1954 tornou-se o 3º Pelotão de Fronteira, subordinado a Manaus. E desde 1969, finalmente, constituiu-se no 3º Pelotão Especial de Fronteira, núcleo do Japurá, subordinado ao Comando de Fronteira do Solimões, em Tabatinga.

O último levantamento procedido em novembro passa do revelou um total de 260 (duzentos e sessenta) habitantes entre militares e civis, sendo aproximadamente a metade de cada, com tendência a aumentar em pouco a proporção dos últimos pelo aumento vegetativo, enquanto o contingente militar é rotativo, mas de número fixo. São 65 (sessenta e cinco) residências, sendo vinte em alvenaria, fora os prédios da Celetamazon, Teleamazon, hospital, grêmio, quadra de esportes, refeitório, capela e também o posto da COBAL. Pertence hoje ao município de Japurá.

A vila, que tem pista de pouso pavimentada do lado, recebe três voos regulares mensais da FAB pelos aviões Búfalo e Bandeirantes, desde Manaus via Tabatinga. É nesta última que os militares do Japurá e outras bases (Ipiranga, Estirão e Palmeira) recebem seu soldo e o próprio comando, em vista das dificuldades de acesso, providencia o fornecimento de grande parte dos gêneros de consumo de primeira necessidade, para seus subordinados, na própria vila. Por isto, é reduzido o comércio no lugar que, além do posto da COBAL, abastecido precariamente pelo barco próprio, serve-se apenas dos regatões que sobem o rio Japurá, retornando dali. Quando se trata

de adquirir alguma gasolina, ferramenta ou qualquer artigo avulso numa emergência, recorre-se então ao povoado colombiano de Pedreras, a uma hora de voadeira. Todos enfim, de alguma forma, recorrem à Vila Bittencourt como centro indispensável de apoio quando em trânsito entre o Traíra e outros centros, inclusive a Paranapanema.

A vila teve o seu sítio escolhido por sua posição estratégica, na confluência dos rios Japurá e seu tributário Apapóris, em oposição à margem esquerda, colombiana, de ambos os rios. Ocorre que exatamente aquele ponto, mais precisamente onde hoje se acha a serraria da vila, próximo à pista de pouso, era então na época, UM ALDEAMENTO DE ÍNDIOS MAKU, liderados pelo Tuxaua GURUPÁ. O Tenente reformado Joaquim Cardoso Chaves, ex-comandante do pelotão entre 1950 e 1955, morador na rua Ibirapuera nº 3, em Manaus, e o Sargento-Odontólogo reformado Oscar Barroso Pereira, morador na rua Joaquim Nabuco nº 1400-A, Manaus, estiveram na sede da Ia.DR no dia 4/3 e se prontificaram espontaneamente a afirmar, sempre que solicitado, seu reconhecimento aos Maku de sua legitimidade territorial sobre as terras do vale do rio Traíra. O Sargento Oscar serviu naquela base por trinta e cinco anos.

O Exército, para implantar a base, pediu o terreno aos Índios enquanto que estes se transferiram para um ponto vizinho, na margem do Igarapé Preguiça, afluente do Apapóris.

Hoje, embora de uma outra forma, mas demonstrando de maneira inequívoca quem é o ocupante da região, são ÍNDIOS os únicos e exclusivos habitantes, a partir do igarapé Preguiça rios acima, em território brasileiro. Conforme toda a equipe pôde constatar, não há um só posseiro, muito menos proprietário não-Índio, naquela região. Os únicos não-indígenas que no momento se acham no rio Traíra são os empregados da Paranapanema, empresa esta cuja situação será abordada adiante.

No ano de 1985 houve uma tentativa por parte do Governo estadual, através do ITERAM (Instituto de Terras da

Amazônia), de colonizar aquela região ao norte de Vila Bittencourt, mais precisamente na margem esquerda do rio Apaporis, entre os igarapês Preguiça e Piranha (V. mapa). Trinta e três famílias foram trazidas de Goiânia e ali instaladas. Cada qual recebeu um lote de quinhentos metros de frente por dois mil de fundos, compreendendo cem hectares. O loteamento totalizava, numa área de 3.300 (três mil e trezentos) hectares, dezesseis mil e quinhentos metros ao longo do rio Apaporis. O projeto, porém, fracassou por completo: a má qualidade da terra, a falta de incentivos e apoio assistencial, a carência de um mercado comprador, estado de isolamento, além de uma grande enchente que alagou a maior parte dos terrenos, levaram todos a abandonar a região, com exceção de duas famílias que, assim mesmo, não permaneceram naquele ponto, transferindo-se para um novo núcleo no rio Japurá, abaixo da vila, chamado de Serrinha.

No lugar dos colonos estabeleceram-se as famílias indígenas (V. quadro anexo) João (Tuyuka) e Estefânia (Barasana), e Antônio (Tuyuka) e Amélia (Tukano). Mora ainda na boca do igarapé Preguiça a família de Laureano (Tukano) e Emiliana (Maku). Este último, aliás, é um caso em que um Índio Tukano integrou-se com a sociedade Maku e, embora não seja aldeado, vai constantemente visitar os parentes no rio Traira.

Ainda pela margem esquerda do rio Apaporis, acima da metade do caminho entre a vila e a foz de Traira, encontra-se uma aldeia Maku (V. fotos e mapa). Composta de quatro casas, foi ali erguida há pouco menos de dois anos, quando o grupo estava morando, na ocasião, nas cabeceiras do igarapé Abio, afluente do Castanho (V. mapa). O Tenente Marcos, que então comandava o pelotão, segundo os próprios Índios, tê-los-ia convidado a morar ali, sob a alegação de que receberiam melhor assistência geral, através do programa ACISO, (Assistência Cívico-Social) do Exército. O lugar é bom, de terreno firme e razoável para o plantio das espécies que mais apreciam, como mandioca, cará, batata-doce, banana e mamão. O convite

foi então aceito, porém, jamais significou o abandono da área anterior. Pelo contrário, continuam a frequentar o rio Traíra, tanto que acabaram de construir outra aldeia, logo acima da cachoeira do Jacamim (Urumutum no mapa), onde a maior parte do grupo está agora morando e forneceu vários dados sobre seu território, gravados em fita (transcrição em anexo). São os mesmos parentes que sempre se visitam.

A verdade - e isto precisa ficar bem claro - é que não são o rio Traíra, mas todo o Apapōris por sua margem esquerda, até o interior da Colômbia, é território tradicional dos Índios MAKU. Existe um varador que liga a Cachoeira do Machado, no rio Traíra, com as cabeceiras do rio Apapōris, na Colômbia, percurso que costuma ser feito em quatro dias pelos Maku, quando em visita aos parentes. Recorde-se que o próprio sítio da Vila Bittencourt fora uma aldeia Maku. Na confluência do rio Traíra com o Apapōris (V. foto nº 06), do lado colombiano, existe um acampamento fixo, com tapiris construídos, e rotineiramente frequentado por eles, não são para pernoite, mas principalmente para colher pupunha e açaí, área de maior fartura desses frutos. E no igarapé Piranha, afluente do Apapōris, logo abaixo da boca do Traíra, (foto nº 13), já moraram, antes de se mudarem para a Cachoeira do Machado, e de lá para o igarapé Abio (V. depoimento e esquema da população). Existe um grande cemitério deles ali. O rio Traíra, enfatizando, é território Maku em sua totalidade.

A ÁREA DO GARIMPO

A Serra do Traíra é um conjunto de montanhas com uma altitude média de trezentos metros, que separa as bacias dos rios Traíra, Ira e Tiquiê. Seus estreitos vales sempre foram ponto natural de passagem para os que viajam entre os rios Tiquiê e Traíra, subindo-se o rio Castanha, afluente do primeiro, e descendo-se o rio Castanho, afluente do segundo. Os Maku foram os que mais percorreram esta rota para se comunica

rem com as várias aldeias existentes nos rios Ira, Castanho e Tiquiê onde existe, neste último, a maior aldeia, chamada Nova Fundação. Os Tukano, porém, também utilizavam este percurso, não só caçando, mas também para visitar os parentes que moram no Apapōris. Carlos Costa e Francisco Maranhão são dois deles que possuem parentes residentes em Vila Bittencourt e no Apapōris.

Esta vila, como se viu, tem quase cinquenta e três anos de existência. Sempre houve, em função dela e da fronteira aberta, movimento de todo o tipo de pessoas, desde índios, seus primeiros habitantes, e militares, até comerciantes, gente que vive indiretamente dos serviços, até aventureiros de toda sorte que sempre percorreram à vontade aquela região, explorando-a e comerciando com os regionais pescado, sorva e piaçava, em troca de roupas, cachaça e gêneros diversos. Assim, é perfeitamente viável que já houvesse algum conhecimento sobre a existência de ouro desde décadas atrás, na Serra do Traíra. O Sr. Raimundo Ferreira Dias hoje empregado da Mineração Taboca, encarregado do acampamento da Cachoeira do Jacamim (Urumutum), e que servira como militar em Vila Bittencourt no período de 1958 a 1969, e que por esta razão, é muito conhecido pelos índios da região, afirmou que há cerca de vinte anos, um certo elemento, conhecido por "Amazonas", e que naquele tempo estaria trabalhando para o então ex-deputado, cassado, Gilberto Mestrinho, chegou a constatar ouro na região da Serra do Traíra. Entretanto, devido às dificuldades de acesso, e à pouca cotação do minério na época, a exploração não vingou.

Assim sendo, as notícias sobre a existência de ouro naquela serra não representam novidade. O que importa é que o ouro lá continuava, inexplorado. Até o dia em que o Tukano Cláudio Barreto, percorrendo a região, descobriu há pouco menos de dois anos, ouro em grande quantidade e de fácil extração. Só então é que a notícia sobre a ocorrência de ouro na região tornou-se pública e começou a corrida do lugar. A pri

meira descoberta deu-se na região do Bebedouro e a segunda no morro chamado Serra do Ouro. Ambos os lugares foram logo depois ocupados pela Mineração Rio Marmelos S/A, do Grupo Paranapanema, sob a alegação de que não se trata de área indígena. Homologada, realmente não, embora como território de ocupação indígena seja evidente. É estranho, porém, o fato do alvarã de pesquisa haver sido concedido sem que a FUNAI houvesse sido consultada e, principalmente por não ter sido considerada uma proposta de Reserva elaborada ainda em 1983 por Grupo de Trabalho da FUNAI, o qual já incluía o rio Traíra como parte da área indígena. Assim, não só a extração do ouro é do mais legítimo direito por parte dos índios como também a própria presença da empresa mineradora na área deve ser revista.

Presentemente a sede do garimpo dos índios se encontra contra a cerca de três quilômetros da margem esquerda do rio Castanho, acima da cachoeira do Jatuarana, de acordo com o ponto assinalado no mapa. Como se pode observar pela foto (23) na clareira aberta no estreito vale, cortado pelo igarapé principal do garimpo, foi implantada a sede da administração, gerida pelos próprios índios. O "chapêu", como é genericamente chamado, é a construção do tipo chalê, de forma circular, que mais se destaca. Ali são realizadas as reuniões, festas e orações coletivas no ritual cristão que assimilaram dos padres. Entretanto, têm os índios o objetivo de fazer do lugar também uma oportunidade de refletir sobre seus costumes próprios, resgatando assim sua história e valores antes desprezados.

Em volta do "chapêu", estão de um lado, o posto dos seguranças ou seja, do grupo de homens encarregados de vigiar a área e do policiamento interno. Em frente há um espaço reservado para a prática de vôlei. E do outro lado está então a cantina onde os gêneros diversos, trazidos de fora por barcos emprestados, são fornecidos mediante pagamento em ouro na quantidade, pesada em balança de precisão, correspondente ao tipo de gênero que se queira adquirir. Assim, segundo

a tabela própria do dia 05 de fevereiro último, por exemplo, uma lata de sardinha custava 0,2 g de ouro, enquanto que um pão completo de farinha custava oito gramas. Consta igualmente nos planos da comunidade a abertura de roças para plantio de mandioca, carã e batata, a fim de diminuir o quanto possível, a "importação" de alimentos adquiridos em Vila Bittencourt, ou nos regatões que ali aportam. É preciso considerar que o garimpo foi instalado recentemente e, portanto, ainda não houve tempo para a implantação de roças de subsistência, mesmo porque o número de participantes ainda não está bem definido. Por volta dos meses de novembro e dezembro passado, é possível que, segundo estimativas da liderança, estivessem presentes mais de mil pessoas de todas as faixas etárias, uma vez que a maioria leva sua família. Já por ocasião de nossa presença, entre 21 e 23 de fevereiro, não havia mais que cinquenta pessoas e isto se deveu a duas razões: o início do período escolar em Pari-Cachoeira, que levou muitos pais a retornar para que seus filhos estudassem, e um atraso circunstancial na chegada da alimentação pelos responsáveis por esta parte, o que provocou durante alguns dias, carência alimentar, pois o consumo, durante mais de uma semana no mês de janeiro, havia sido excessivo devido à presença dos trinta e quatro garimpeiros que invadiram ostensivamente a região, subindo o rio Ira até atingir o garimpo. Com isto, mesmo a carga de trezentos quilos de alimentos fornecida pela cantina da AUCIRT (Associação da União das Comunidades Indígenas do Rio Tiquiê) e jogada pela aeronave da FUNAI nos dias 02 e 04 de fevereiro, não poderia ser suficiente para sustentar por muitos dias o grande número de pessoas que lá se encontrava. A situação naquele momento chegou mesmo a ficar muito delicada e só não chegou a haver um conflito de grandes proporções porque a liderança indígena soube agir com tato e equilíbrio, conseguindo fazer, por conta própria, que todos os garimpeiros deixassem a área, baixando os rios até o Solimões, apesar da inconformação e ameaças que aqueles rudes elementos até hoje continuam externando.

Apesar de todos estes contratemplos, finalmente no dia 23 de fevereiro, quando de nossa saída, os primeiros fardos de alimentos começavam a desembarcar enquanto que da aldeias do alto Tiquiê já estavam a caminho do garimpo novos interessados nas atividades da lavra do ouro. Ademais, com o apoio que a FUNAI possa e deva dar, somado com a natural progressiva experiência dos próprios indígenas, as limitações iniciais irão sendo superadas. Uma delas é a própria DEPENDÊNCIA da Paranapanema, especialmente em transportes, o que é extremamente constrangedor a todos nós, índios e servidores do órgão tutelar. E enquanto a FUNAI não estiver muito bem estruturada na área, tal situação não poderá modificar-se tão cedo. Vejamos de que forma o percurso é procedido até o destino (V. mapa), tomando-se como modelo um barco de alumínio medianamente carregado, com motor de popa de 25 HP:

1) Partindo-se de Vila Bittencourt, ao cabo de cinco horas, se chegará à Cachoeira do Jacamim (Urumutum), no rio Traíra. Para ultrapassá-la é preciso sempre descarregar o barco e transportar a carga para um outro que esteja acima da cachoeira. Caso contrário, o primeiro terá que ser arrastado pela picada acidentada, numa extensão aproximada de seiscentos metros, para prosseguir a viagem.

2) A etapa seguinte cobre até a Cachoeira das Andorinhas, em cerca de duas horas e meia. Para ultrapassá-la, o expediente será o mesmo, porém de forma ainda mais trabalhosa porque o caminho por terra é mais íngreme. Por isto, é ainda mais importante a existência de outro barco curso acima.

3) A terceira etapa continua pelo rio Traíra e passa nas proximidades da Serra do Ouro, contraforte da Serra do Traíra pela margem esquerda, distante uns três quilômetros, onde os índios descobriram primeiramente o ouro. Hoje é o acampamento-base da Rio Marmelos S/A (Paranapanema), onde foi instalada sua radiofonia. Segue-se em frente e sobe-se agora o afluyente Castanho e passa-se pelo último acampamento da empre

sa mineradora, de acordo com o último lote concedido pelo alvará do DNPM (V. mapa). Somente dali para o norte é que a empresa "considera como área indígena". Dali ainda se prossegue até a Cachoeira do Jatuarana (foto nº 21) onde, pela margem direita, os índios erqueram um pequeno acampamento (foto nº 20). Pode-se, portanto, resumir esta terceira etapa como sendo da Cachoeira das Andorinhas, no rio Traíra, até a Cachoeira do Jatuarana, no Castanho, trecho que pode ser cumprido sem interrupção em cinco horas.

4) A quarta etapa deve ser considerada a partir deste ponto porque os próprios índios administram este acampamento.

Para se transpor a Cachoeira do Jatuarana é preciso carregar a carga pela picada na mata em acidentado trecho por cerca de mil e quinhentos metros, assim como o próprio barco e o motor, tal como nós da equipe tivemos que o fazer. Como o barco pertence à Paranapanema, tem que ser restituído posteriormente e assim, outra vez arrastado na volta.

Uma vez ultrapassada esta terceira e última Cachoeira, sobe-se o curso do rio por mais meia hora até que, pela margem esquerda, chega-se ao porto, terminando a viagem pelo rio.

5) Descarregado o barco, a quinta e derradeira etapa será a de vencer os três quilômetros pelo caminho na serra, carregando cada um o que puder, até ser então atingida a sede do garimpo.

Como se vê, não é fácil para qualquer comunidade inexperiente no ramo, com um número de participantes ainda não estabilizado, tendo simultaneamente enfrentado invasão das terras e longos período de tensão numa região de difícil acesso, conseguir estruturar-se sozinha numa atividade e sistema de trabalho totalmente pioneiros para ela. A própria FUNAI, que são agora pela primeira vez ali se faz presente, e sem recursos, também não está preparada para um apoio satisfá

tório imediato. É aí que entra a dependência da empresa mine-
radora. Somente a Paranapanema dispõe de barcos motorizados em
número suficiente para que, bem distribuídos ao longo dos
rios, principalmente nos acampamentos das duas primeiras ca-
choeiras no rio Traíra, possam servir com eficácia a quem via-
je por todo o percurso. Mesmo, por exemplo, que se aluque um
barco de alumínio em Vila Bittencourt (só o ITERAM o possui) e
contar somente com ele, será sempre custoso arrastá-lo em
terra, carregando ainda o motor e o combustível, por seis ve-
zes, contando ida e volta, e contribuindo para danificar o
barco. Os de madeira são ainda mais difíceis de serem trans-
portados por terra.

Desse modo, seja para conduzir o carregamento para
a cantina dos índios, para socorrer algum doente ou acidenta-
do, ou simplesmente para se chegar ao garimpo levando suas
provisões, tem sido inevitável contar com o transporte e o
auxílio do pessoal local da Paranapanema. Até mesmo entre
Manaus e a vila os vãos fretados pela Paranapanema são mais
frequentes que os da própria FAB, sendo assim imperioso, em
caso de emergência, contar com eles. Tal quadro é ainda mais
constrangedor quando se considera que a referida empresa não
se instalou ali no interesse dos índios, muito pelo contrário.
Aliás, em outras áreas como entre os índios Tenharim do Igarapê
Preto, no sul do Amazonas e da BR-230, a situação é análoga,
conforme pudemos testemunhar em 1984 (V. relatório da
época): instalada a Mineração Taboca treze anos antes, com a
finalidade de explorar cassiterita, sem quaisquer formalida-
des junto à FUNAI, vinha a empresa prestando aos índios assis-
tência médica, instrução até a 4a. série (na escola do núcleo
em classes gerais) e refeições prontas. Em contrapartida, sua
atividade mineradora arrasa completamente a terra, destruindo
a mata e revolvendo os cursos d'água, tendo forçado os índios
a transferirem várias vezes sua aldeia enquanto lhes aumenta
a própria dependência do paternalismo da empresa.

Na região do Traíra ainda é possível evitar que se

chegue a tal situação, uma vez que os garimpeiros foram retirados, não há posseiros e a empresa Rio Marmelos ainda está em fase de pesquisas.

CONCLUSÕES E PREPOSIÇÕES

1) A FUNAI precisa efetivar-se na área. A comunidade indígena no garimpo, apesar de estar ainda ensaiando seus primeiros passos, esforça-se para alcançar a auto-eficiência. É certo que muito ainda deverá ser decidido pela própria liderança junto com a comunidade, especialmente quanto ao âmbito da participação ou seja, quantos e quais terão acesso à garimpagem no local. Independente, entretanto, de quaisquer decisões internas indígenas, será preciso o apoio do órgão tutelar.

1.1) A presença da Missão Salesiana não está sendo desejada na área do garimpo, pois os índios querem também reduzir a dependência e influência dela para resgatar valores próprios. Querem assim a colaboração da FUNAI, não só quanto a garantir a terra, mas também para instalação de escola, enfermaria, abertura de campo de pouso em ponto apropriado a ser escolhido, e aquisição de barcos motorizados, pois sendo a atividade garimpeira de longo prazo, os participantes que, por esta razão, levam consigo a família, precisam encontrar condições semelhantes às de sua aldeia para viabilizar sua permanência e garantir o rendimento do trabalho, como todos desejam. É preciso, porém, em primeiro lugar, que se reconheça oficialmente a realidade elementar: toda a região, já a partir do rio Apapōris, é de ocupação e habitação indígena, do passado presente.

2) Questionar a instalação da Mineradora Rio Marmelos S/A na área também é fundamental. Por que a FUNAI não foi consultada, como antiga praxe para o caso, mesmo não sendo área de Reserva definida? Por que teria sido considerado um

estudo de área indígena muito antigo, ao invés de se basear como modelo numa proposta mais atual como é a do Grupo de Trabalho do ano de 1983, anterior à concessão do alvará? A nosso ver, a empresa não poderia estar presente na área.

3) Da mesma forma, é preciso reforçar a vigilância contra a invasão de garimpeiros. Alegando estes a presença da Paranapanema, continuam, através dos mesmos líderes que foram retirados, e com o respaldo dos mesmos políticos, ameaçando de retornar à área a qualquer custo. A invasão por Vila Bittencourt ainda é mais fácil de ser controlada, pois só há o rio Traíra para se chegar ao garimpo onde os próprios índios exercem a vigilância. A Rio Marmelos também fiscaliza, no interesse dela. E na vila o próprio Exército, apesar de não interferir na questão, não aprecia o ingresso de pessoas que possam provocar desordens e tenham depois que ser retiradas. Quem subir os rios Japurá e/ou Apaporis acima da Vila Bittencourt estará indo ou para o garimpo ou para a Colômbia. Não há outro destino que possa ser alegado. Portanto, é impossível invadir por Vila Bittencourt sem ser percebido. Foi o caso de oito garimpeiros que, subindo o Japurá, não conseguiram condições de passar da Vila e lá ficaram por alguns dias, vigiados quanto à conduta pelo próprio comando militar até que chegou a equipe da FUNAI que os retirou na aeronave Bandeirantes para Tabatinga.

3.1) Situação totalmente oposta já se configura pelo lado do rio Negro. Além de ser a cidade de São Gabriel da Cachoeira um núcleo populacional muito maior, com cerca de 5 mil habitantes só na área urbana, há ainda curso acima, no alto rio Negro e afluentes, muitos povoados para os quais uma suposta viagem venha servir como desculpa que pretensos invasores da área indígena possam utilizar a fim de prosseguirem no trajeto desejado realmente ou seja, subir o rio Ira até suas cabeceiras para de lá invadirem o garimpo indígena, burlando assim a fiscalização que a Ajudância do Rio Negro exerça no porto da cidade.

3.2) Desse modo, torna-se da mais cabal importãncia implantar - como já foi recomendado por outras equipes - um POSTO DE VIGILÂNCIA na entrada do rio Uaupês. Não deverá ser um posto precário, ocupado por servidor isolado, desinformado e desprotegido. Pelo contrário, as instalações devem ser adequadas para moradia e escritório com fonia, para trabalho em equipe. Deve constar também um pequeno barco motorizado para deslocamentos emergenciais.

4) Deve outrossim a FUNAI procurar maiores esclarecimentos junto ao Governo sobre determinados projetos que poderão colocar em perigo a integridade dos grupos indígenas que habitam a região do noroeste amazônico. Um deles é o Projeto CALHA NORTE. Questão sem dúvida muito delicada, como tem sido veiculado nos jornais (V. fotocópia de artigo), tem por meta o referido projeto colonizar toda a fronteira norte do Amazonas com a Colômbia com o objetivo de, ocupando o "vazio regional", como se costuma dizer, gerar recursos e, principalmente zelar pela defesa da segurança nacional.

A colonização em si é saudável, especialmente a um país em construção como o nosso. O que é preciso somente é alertar para não se considerar os grupos indígenas fronteiriços como descompromissados com os interesses e a defesa do Estado Nacional Brasileiro, a ponto de julgá-los estranhos no contexto humano da região. A consideração que o país tenha para com estes grupos étnicos só poderá resultar que se tornem grandes defensores do Brasil, mesmo estando distribuídos por outro país. Temos como exemplo histórico a luta dos Kadiwêu que optaram pela defesa do solo brasileiro em faixa de fronteira durante a Guerra do Paraguai. Portanto - e deixando bem claro o reconhecimento do conceito de segurança nacional como prioridade em qualquer país do mundo - o que se pede é que os povos indígenas da região sejam respeitados e ouvidos; e que todo o projeto seja bem discutido com relação ao que se conceba como "vazios regionais" ou expressões simila

res: ali podem estar habitando sociedades muito bem estruturadas que, com seu patrimônio cultural, são poderão contribuir para honrar e valorizar o país em que vivem, perfeitamente sintonizados com os interesses nacionais brasileiros. Fundamentalmente para tanto é a sua participação direta no debate, pois afinal, seu destino está em jogo e tem direitos a defender garantidos pela Constituição.

5) Outro aspecto que também deve ser lembrado como muito importante é o da necessidade de se proceder um levantamento minucioso nas outras áreas do noroeste amazônico, em particular em sua sub-área nordeste, pelo rio Xiê, onde há comunidades pela margem esquerda que ainda não foram bem estudadas. É verdade que o presente trabalho se restringe ao estudo da área de Pari-Cachoeira, e objetivando mais particularmente os pontos polêmicos das partes sul e sudoeste. Entretanto, como já foi citado anteriormente, todo o noroeste amazônico, em função dos laços de parentesco por casamentos inter-tribais, pode ser considerado como um único território, pois que embora habitado por grupos diferentes e terem problemas locais distintos, tem todas as Reservas contíguas e merecem atenção por igual. Podemos adiantar que, segundo o próprio Estatuto do Índio em seu artigo 26, par. único, letra "d", e artigo 30, toda aquela parte do noroeste amazônico, reúne condições para configurar-se juridicamente como território Federal Indígena.

6) A parte sul, relativa ao curso do rio Curicuriari, não tivemos tempo e condições de percorrer. Trata-se de uma área imensa de floresta compacta que, para ser reconhecida em sua plenitude, nenhum sobrevoo, mesmo demorado e à baixa altura, seria revelador da existência de grupos indígenas. Haveria necessidade de exclusiva e demorada expedição ao longo do rio, observando aprofundadamente os igarapês com vistas a constatar a presença daquelas comunidades. Entretanto, já se considerando os depoimentos inequívocos do ex-Tuxaua Tuka

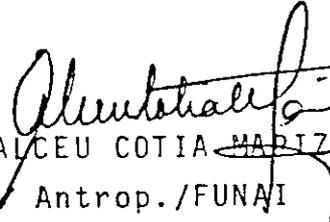
no Manoel Machado e do velho Maku Parêroã José Ieissoí (em anexo), a área do rio Curicuriari, além de já haver sido antigo habitat dos próprios Tukano, o é ainda de outros grupos que vivem protegidos pela cobertura florestal. De qualquer forma, a área já se justifica como limite natural para proteção e usufruto das inúmeras comunidades conhecidas que moram em ambas as margens de todo o curso do rio Ira. Assim, toda aquela região vai incluída em nossa proposta.

7) Vimos também que toda a área reservada pelo ITERAM para colonização da margem brasileira (esquerda) do rio Apapōris em benefício de 33 (trinta e três) famílias, num total de 3.300 (três mil e trezentos) hectares, foi abandonada. Os colonos, vindos de Goiás, desiludiram-se com as dificuldades e retiraram-se para outras regiões. Sendo, entretanto, área de habitat tradicional indígena, foi perfeitamente natural a ocupação da referida área por famílias indígenas diversas, de grupo Tukano, Tuyuka e Maku. Assim, o procedimento natural e correto será o de entrar em entendimentos com o ITERAM visando resgatar aquela área de loteamento frustrado em favor da Reserva Indígena, emendando com o rio Traíra, como se observa no mapa, ressaltando que, no momento, o ITERAM não dispõe do mapa com o projeto amarrado em suas coordenadas e assim, a referência está aproximada.

8) Fica assim oferecida a seguinte proposta para a área Pari-Cachoeira: a oeste, o rio Traíra e, incluindo-se a área do loteamento acima referida, também o rio Apapōris, descendo até o igarapê Preguiça. Ao sul, dentro da mesma consideração, toma-se a foz do igarapê Preguiça e às cabeceiras do rio Curicuriari, descendo seu curso até encontrar o meridiano que desce pela boca do rio Uaupês. A leste, a linha seca pelo meridiano até a foz do Uaupês e, ao norte, os limites das áreas de Taracuã e Jauaretê, tudo conforme a ilustração cartográfica anexa.

Convém lembrar finalmente o velho costume indígena da região: quando um índio nasce, aonde seu umbigo for enterrado, aquela será sua terra para sempre.

Manaus-AM, 18 de março de 1986.


ALCEU COTIA MARIZ
Antrop./FUNAI

I - JOSÉ IEISSOÁ PAREOÁ CONTA PASSAGENS DE SUA VIDA E SEUS
PARENTES NO RIO TRAÍRA.

Transcrição de Fita
Tradução em Português de Henrique Vellozo Vaz (Índio Desana)

Dissemos que viemos pela parte de cima do Traíra. Embaixo dele viviam eles. O grupo dele, do José, depois que o coronel foi para outro grupos, então o irmão dele, Nekameta, morreu, foi matado por outros grupos, os índios, vendo que o irmão dele tinha morrido, não sabia mais viver com o irmão deles, então ele veio para cá, para o lado do rio Tiquié onde viviam outros grupos do irmão deles. Por isso que ele está por aqui, nestes di... nesta época.

Então, o início da vida dele mesmo era no rio Traíra. Ele estaria lá morando todo tempo... ele era, era pra ele morar todo o tempo lá se não houvesse aquela briga. Hoje em dia ele não estaria deixando nenhum branco entrar lá, que a terra era deles.

São todos de um mesmo grupo, ninguém separa, não tem distinção entre nós. É ele, o Sr. José que vive nesta época aqui com os Tukano. Se o grupo dele não estivesse exterminado, então ele estaria lá no Traíra, dançando, fazendo suas festa e todo o movimento que ele tinha lá naquela época, quando viviam juntos.

Então, o pai dele, que se chamava Luís, o pai dele. Esse pai morava num lugar que se chamava Lago do Batata, do Batata Doce. Então esse local onde o pai dele morava, a família toda. Então na época, ele era o chefe daquela aldeia. Então, nessa ocasião, chegou o branco lá. Muitas mercadorias, muita comida ele trouxe. E na época, eles viviam nus, só de tanguinha. Então, como ele viu que a pesso..., que o pessoal dele, os irmãos dele não tinham roupa, então ele teve que pegar a roupa do branco que ele trouxe, pegou a roupa, comida, muita mercadoria, tomou do branco naquela época e não, e não

deixava ninguém entrar, gente estranha lá. E depois eles se deslocaram na Cachoeira das Andorinhas onde eles moravam lá muito tempo... Cachoeira das Andorinhas. Então eles moraram muito tempo e andaram pescando e conhecem muito bem aquela região, portanto, ele não quer que nenhum branco se meta lá. E ele está por aqui porque ele vive sozinho, não tem o filho dele, não tem herança mais nada, é velho enquanto ele vive, ele não quer invasão dos brancos lá.

Da Cachoeira das Andorinhas eles foram morar lá dentro da Cabeceira do Abio, que tem um igarapezinho lá dentro, na cabeceira de... do Abio. De lá eles encontraram, fizeram amizade com outros grupos que viviam, que eram os parentes deles lá do Ira, na cabeceira do Ira. Então esses grupos que viviam lá era o cunhado dele, os primos, tal, eles faziam uma relação de amizade lá com esse grupo que vivia no Ira e eles também viam quando era fácil e convidavam e viviam fazendo essas trocas de amizade por muito tempo.

Junto com o grupo deles eram muitos, era Merêxã mahsã, que eles chamavam e muitos outros grupos que eram descendentes destes grupos que viviam em todo o rio Traíra, inclusive esse Yepa Mahsã, era um dos grupos que viviam naquela região. Então, na época, aquela, aquele rio era muito movimentado, onde tinha muitos povoados, muitas malocas e tinha muita gente morando lá. Aos poucos eles foram saindo e se foram concentrando mais fora do... do rio por causa da invasão dos brancos e hoje ainda eles existem lá.

Então, hoje em dia, existe um grupo que fica dentro de um igarapé que tem uma cachoeira lá quase na cabeceira. Esses grupos vivem até hoje. Esses grupos eles não querem que nenhum membro do outro grupo daqui, sendo índio, que vá lá sem autorização deles, nem a pescaria. É... o grupo onde tem a cachoeira. Então eles, eles não querem a invasão de ninguém... o grupo deles, os irmãos deles, dos irmãos deles mesmo.

A tribo dele se chamava Yepã Mahsã, Yepã Mahsã era o grupo do Josê. Tem outro grupo que era do... que vive ainda em minoria, que era Merinsiã. Então esses dois grupos eram os grandes grupos que viviam naquela região do rio Traïra. E hoje são minorias. E muitos foram exterminados, seja pela doença ou pelos ataques, etc.

Então.. tã tem uma parente dela que é Isabel, diz que, ela se julga natural daquele rio. Na verdade, ela não é daï, mas ela é muito, muito mais alêm, que se chama Porpaia, outro igarapê, mas ela sempre tem parente lã. Agora, quinze (sic) é natural daquela região mesmo, que nasceu mesmo esse senhor Josê. Portanto, ele é daï e ninguém nega mais que ele é de outro lugar (sic). Ele sabe toda a história daquela região, ele sabe tudo que aconteceu dentro daquele rio Traïra. Tã morando lã no sítio dele (a Isabel).

(Sabe Josê)... que alêm desses grupos, tem muitos que ele hoje em dia, não se lembra mais, mas que ele tem, que ele sabe que existia esses grupos. Ultimamente ele esteve lã, no rio Traïra e foi até na Cachoeira do Urumutum, inclusive até em Vila Bittencourt para visitar os seus parentes e ele viu que seus parentes moravam lã e vivem lã. Eles sempre, de vez em quando, estã indo lã na... no rio Traïra a fim de pescaria ou a fim de caça, então visitar seus parentes. Ele estã sempre vigiando, ele não quer que essa região dele seja invadida porque é a região dele, onde ele pesca onde ele é... caça e onde foi enterrado o umbigo dele. Ele não quer a invasão de ninguém. (Depois) que o pai dele morreu, ele veio para o rio Castanho onde atualmente os... os índios estão trabalhando ouro.

- Neste rio Castanho...

- Então, é... ele aï também aï demorou muito tempo até ultimamente ele foi ver seus vestígios antigos que a maloca tinha na época. A família dele mora... morou muito tempo nesse rio Castanho, inclusive o neto dele vive hoje lã no

rio Castanho. (Vozes cruzadas...). Neto do José. E Anã... É, eu não sei... (ininteligível)..., mas ele vive lá, tem capoeiras dele, onde eles faziam roças, existe lá. E no rio Castanho ele perdeu o irmão dele, o irmão maior deles. Então, quando o irmão dele morreu, aí houve dispersão de todo, o pessoal foi embora, ele ficou sozinho, abandonado lá naquela aldeia. Aí, ouviram a notícia de que esse José morava sozinho lá abandonado, o pessoal que morava aqui no outro rio Castanho, aqui no rio Tiquiê. Souberam que ele estava lá sozinho, então foram chamar ele e por isso que ele veio pra cá, mas agora ele pretende ir de novo lá na sua terra.

(Alceu) - Então o rio Castanho aonde José foi morar, foi o rio Castanho afluente do Traíra, não foi?

- Foi, era afluente do rio Traíra. Então, nessa ocasião, os parentes que estavam aqui no outro rio Castanho, afluente do rio Tiquiê, souberam que ele estava lá sozinho, abandonado e foram chamar ele lá, por isso que ele veio para cá (em Pari-Cachoeira).

II - JOSÉ IEISSOÃ PAREODÁ NARRA SOBRE AS COMUNIDADES INDÍGE
NAS DA REGIÃO DO RIO TRAÍRA.

Transcrição de Fita
Tradução em Português de Henrique Veloso Vaz (Índio Desana)

1. A boca do Traíra era... a boca do Traíra era... era o lugar onde eles morava há muito tempo. Esse grupo dele morou muitos vários anos na boca do Traíra. Depois de ter morado vários anos, eles passaram para a Cachoeira de Urumutum onde também eles moraram vários tempos, inclusive lá tem várias malocas que já foram extintas. Daí eles passaram para a Cachoeira das Andorinhas aonde um grupo deles que é... que é, que é grupo da Onça das Areias, é Areia, Areia das Onças, chamado Tribo, vive até hoje nesse lugar.

2. Esse grupo que estava em Cachoeira das Andorinhas era dividido em dois grupos: o grupo do José e o outro grupo era chamado Yepa Mahsã, eram os primos dele. Neste lugar eles moraram muito tempo, viviam muito tempo caçando e pescando, daí eles passaram para outro igarapé que se chamava Doiabertaiã, igarapé chamado Doiabertaiã. Lá dentro eles começaram a fazer suas malocas e viviam muito tempo também lá até ro. Hoje existe lá dentro daquele iga... igarapé muitas capoeiras daquela época.

(Alceu) - Esse igarapé é acima da Cachoeira das Andorinhas, certo?

- Certo.

3. Daí o igarapé do Doiabertaiã, eles vieram até o lugar que se chama Nhamuna. Nhamuna seria Lago do... Carã, Lago do Carã. Aí é o principal das malocas que existia naquela época deles, aí era o centro dos movimentos de todo o rio, o rio Traíra. Então, quem era o chefe daquela época era avô dele que se chamava Luís. Esse Luís, quando chegaram os brancos ele foi preso pelos brancos, então ele passou muito tempo fora, passeando ou trabalhando com os brancos e aprendeu a falar

atê Português. Inclusive ele falava bem Português, portanto ele, quando o pessoal, os brancos chegaram aĩ ele, ele era primeiro a expulsar, expulsava os brancos, dizia que eles tinham, os brancos tinham maltratado ele, não sei o quē, e muitas coisas ele discutia naquela época. Portanto, tanto ele e outros grupos deles, eles não querem que nenhum branco entre no rio... no rio Traĩra. Porque, ah, eles são donos desse rio. São todos donos daquele rio porque todos, êh, no curso do rio Traĩra tem suas malocas, tem suas capoeiras onde possam pescar e possam caçar.

(Alceu) - Este lago é um lago abaixo da boca do rio Castanho, certo?

- Certo. (... vozes cruzadas)

4) Então, tem outros grupo, ... o último grupos deles, que eles estão localizados lá abaixo da boca do Traĩra, já no rio Papouris, acima... (vozes cruzadas) recebe esclarecimentos...).

Então... isso daí foi errado, foi... diz que é aqui, é... na boca do Castanho, abaixo da boca do Castanho tem um grupo que último grupo deles. Acima da boca do Castanho tem outro grupo no rio Traĩra que vive até hoje. Esse grupo também está assim, abaixo da boca do Castanho também vive até hoje.

Foi engano do tradutor que ele disse que esse grupo ficava lá na boca do Traĩra, mas em vez, o certo era na boca do Castanho.

5) Já no... acima, muito acima da boca do Castanho tem outro grupo deles, que é chamado Grupo dos Merēsiã, grupo dos Merēsiã. Então esse grupo é que dominava nesse percurso médio da Cachoeira do Machado até a boca do Castanho, era o terreno deles. Então até hoje eles, até hoje esses, esses Merēsiã Mahsã, ele ainda estão tomando conta desse percurso, eles não deixam ninguém, seja índio de fora que eles não

deixam mesmo, sem a permissão deles.

6) Abaixo da Cachoeira do Machado existiam muitos grupos, inclusive esse Yepã Mahsã, era... outro grupo, Detue-rã... é... Emuã-Mahsã e vários outros grupos que viviam e conviviam sô num grupo. Trabalhavam junto, viviam juntos.

7) Além desses grupos, viviam os grupos... os pa-rentes deles... outros grupos que eram... que eram grande gru-pos que viviam entre eles. Então era Pirãmahsã, tinha outro grupo que era Tiamahsã, esses grupos eram dos grandes grupos que viviam juntamente com esse outros grupos, nesse percurso.

8) Também existiam outros grupos, é... que moravam nessê percurso também. É, era um, era um Arkeamahsã, Arkeamahsã seria gente macaca, não sei o quê, Grupo dos Macacos. Arkeamahsã, outro grupo eram Nimadearã. Esses grupos eram grandes, ... é, ... tinham grande número de pessoas que sobre-vivia naquela região.

9) ... Que nós falamos, eles não querem que nenhum outro elemento vai invadir no rio deles, ou seja, na área de-les. Até nós mesmos daqui, os Tukano, não pode invadir lâ que ele ah, lâ é terreno deles, é deles, sem a permissão deles. Portanto, eles vivem lâ hoje e vivem controlando naquele per-curso onde eles viviam. Então esses grupos, eles não estão na beira da Cachoeira, como se diz, na beira do rio Traïra, mas sim eles estão adentro, nos igarapezinhos, mora adentro dos igarapês, nas cabeceiras dos igarapês, mas eles estão sempre pescando, caçando no rio Traïra..., abaixo da Cachoeira do Ma-chado.

Acima destes grupos, os irmãos deles, os parentes dele, então como esses grupos, viviam os grupos do Auniêi e Yepa Mahsã. Então teria... (dirige-se ao Joaquim Tuã, na lĩn-gua)... Sairã, outro grupo. Então, esse grupos eram ocupados (sic) por dois povoados, um acima da outra, abaixo da Cachoei-ra da... do Machado.

10) Então, aqui ô... , abaixinho da Cachoeira do Machado existia outro grupo, chamado Emuãmahsã. Esse grupo era muito numeroso, era um dos grandes grupos que existiam naquela época. Até eu conheci o lugar onde ele tinha até hoje tem cacho, como se diz, ē... capoeira. Eles não tinham morada na beira do rio, eles tinham morada fora ē... quase duzentos metros fora da... da beira do... que a gente entra num... num... como se diz... numa entrada, assim dum tipo igarapē e a gente sobe e chega na, naquela capoeira grande. Então lã eles moravam, esses grupos ah, lã na... os trabalhos dele, na pescarias dele, e sempre lã na cachoeira do Machado.

11) Ainda existe um grande grupo deles, dos parentes dele, acima da cachoeira do Machado, já quase p'ra cima. Então esses grupos também eles são aqueles mais valentes que existe lã na até hoje. Eles não querem ver nenhum estrangeiro, ou seja, desconhecido que entre naquela região e não querem, não querem ver invasão não, eles querem que ē... fica p'ra eles, que o terreno ē deles.

(consulta, por interesse do antropólogo, do lado de que país está o grupo).

- Está do lado brasileiro.

12) Então, como ele está vendo, sobre esse problema daqui, ele não quer que ele, esse todo rio seja invadido pelos brancos, porque os irmãos dele ainda vive naquele rio. Nem pe... nem pelo... nem pouquinho também que chegue lã na, na, na, grotta dos, dos índios que estão trabalhando... dos índios, porque os, os irmãos dele também estão trabalhando lã. Então ele não quer ver invasão dos brancos, ele quer que os irmãos dele vivam bem, livres, felizes como já vivia há muito tempo. Então ele não quer ver... e aqui também, não ē? Ele quer que tire esse pessoal que está ai na Cachoeira das Andorinhas por que ē... aĩ era o lugar deles, era a malocas que existia lã, era o grupo deles que vivia lã. Então esses, es

ses grupos que tão ai, Paranapanema, estão tomando a terra deles. Então isso é a maior tristeza que ele está sentindo, porque a... a terra deles foi tomada pelos estrangeiros.

13) Então, o velho antigo, é... dos Tukano, ele esteve morando aqui, é, como se diz, na boca do Traíra, portanto, ele viveu muito tempo aqui. Todo esse terreno era dele. Ele era um dos grupos dele que comandava em todo o rio Traíra. Então, esse grupo praticamente todo, pertence todo o rio, é, quer dizer, ao povo Tukano, inclusive deles também. Essa região é nossa, ninguém pode dizer que não é nossa porque nós já morávamos há muito tempo aqui e ninguém pode dizer que esse rio é desabitado e sim muita gente conviveu.

14) Então, nos o, nosso grupo, juntamente com o grupo dos Tukanos, nós não queremos que esse rio, rio Traíra seja invadido pelos brancos porque já nós já vivíamos já nessa região e, portanto, é, é o rio Traíra que nós nascemos, eu inclusive, eu nasci no rio Traíra, eu sou filho da, desse rio. Portanto, nós, unidos com o povo, povo Tukano, e nós não queremos que esse, essa região em todo o rio Traíra, toda essa região onde pertence os Tukano, não queremos que nenhum branco entre agora porque essa região já foi invadida várias vezes e não queremos mais que continue assim. (Vozes gerais em conversa, ao fundo).

15) Então, ah... lá ao lado lá muito dentro da Cachoeira das Andorinhas existe um grupo deles, dos Makus, são parentes deles, mas são muito selvagens, tanto mulher como homem são guerreiras, guerreiros. Então eles são muito perigosos, qualquer pessoa que aparece por lá sem a... Índios que eles não conhecem, ainda mais o branco, se aparecer lá, é morto, então esses daí so podem... so podem ser vistos so... so por um. Para poder entrar lá para poder conversar com eles tem que ter licença deles. Então vem, conversa, que eles, se disser que sim, entra lá, senão ninguém entra. Então, esse Paranapanema, eles não encontraram ainda. Se encontraram, vai

ser, vão ser arrasados por eles. E ainda eles não aparecem ,
eles... as casas deles não aparecem, sō as roças porque as
casas deles ficam embaixo das árvores, que eles não... para
não ser visto pelos brancos, pelos aviões, etc.

(Alceu) - São os Makus?

- São, os Makus.

Merinsiāmahsā - gente do macaco-preço
Arkeamahsā - gente do macaco
Nimandearā - gente do curare
Emuāmahsā - gente do macaco guariba
Pērāmahsa - gente da cobra

III. MANOEL MACHADO E JOSÉ IEISSOÍ FALAM SOBRE A OCUPAÇÃO IN
DÍGENA NA REGIÃO DO RIO CURICURIARI

Transcrição de Fita

Tradução em Português de Henrique Veloso Vaz (Índio Desana)

Neste momento, às 15 horas do dia 25/02/1986, reunidos no salão da AUCIRT, com a presença do seu Diretor, Henrique Castro, e vice-Diretor, Lúcio Fontes, além de membros do Conselho, ouviremos a palavra do ex-Tuxaua Manoel Machado sobre a História da ocupação indígena na região do rio Curicuriari. Estão também presentes o Índio José Ieissoí Paríroã e seu cunhado João Bonfim Pikô.

Henrique Vaz:1) Então, o antigo bisa... bisavô deles morava lá no, no rio Mariê. De lá ele passpi para o rio Curicuriari e foi adentro e... chegou numa cachoeirinha pequena que se chamava Parenpã. Era pequena cachoeirinha, tipo cachoeira. Lá ele ficou morando vários tempos.

2) Enquanto ele morava lá nesse lugar, apareceram grupo de... de pessoas, era grupo do Seroviã, era o, os tribo como desses de José. Esses Seroviã eles moravam lá no, no, no pē da serra que se chamava Part'igue, é uma montanha pequena que se encontra aqui perto do... aqui na beira do rio, rio Uaupēs. Então esses eram moradores daí, eles chegaram lá com eles p'ra visitar, ver... daí.

Daí ele veio para o... (pergunta em Tukano)... daí ele foi para o lugar da cachoeira que se chamava IUTIRO, era grande cachoeira. Aí ele ficou morando. Daí eles chegaram uns parentes deles, parentes que se chamava... (pergunta em Tukano) ... Bŭrirã? ... era tribo Bŭrirã... se chamava. Era apelido deles naquela época. Bŭrirã.

Depois desse grupo, chegaram mais outros... (consulta em Tukano)... Mimissitã, outro grupo, também era apelido

deles. Que eles foram atrás dos parentes deles. (vozes). Sô havia esses grupos. Esse, essa cachoeira de, que... o, tal de cachoeira era muito perigoso é... cobra grande era brabo, lâ tinha que devorava, era muito perigoso essas coisas assim.

Daí desse lugar, que ele... (falha da gravação) , daí dessa cachoeira ele passou bem p'ra cá agora, p'ra tal de rio Traíra.

Daí... (manoel Machado dá mais um complemento em Tukano)...

3) Daí daquela cachoeira ele veio até na cabeceira do rio Curicuriari e atravessou, chegou até no, na boca do Traíra. Aí ele ficou morando vários temp^{os}. Ele tava a fim de procurar um lugar melhor para ele morar. Ficar morando p'ra sempre. Daí ele viu que não dava porque havia muitas doenças como desenteria, malária, etc. Ele foi embora de novo, ele subiu no rio Papuri. Foi até num lugar chamado TOACA. Daí ele ficou morando também. Aí aconteceu mesma coisa, tinha as doenças, tipo epidemia, tinha desenteria, tinha malária, todas essas coisas. Mas o peixe e outras coisas havia muito, era um lugar muito bonito, mas sô que havia muitas doenças. Daí ele desceu e entrou no rio e... no rio PIRÃ, foi até adentro e chegou num lugar chamado Toaca... aí... não, Corô, não é? Corô, Corô. (pergunta em Tukano). Ele foi no rio Pirã, ele chegou numa cachoeira que se chamava CORÔ. Ele ficou morando lâ também. Aí havia outros grupos de, de índios que eram mais brabos do que ele, então que ele a, havia ameaças de matanças e... (cruzam vozes). Era muito brabos, eles não gostavam dele. Então, p'ra fugir daquele perigo ele veio embora de novo, desceu e entrou no rio Traíra e chegou até na Cachoeira das Andorinhas, ele também ficou morando vários tempos na Cachoeira das Andorinhas.

ALCEU - Isso tudo o, o bisavô dele.

H. VELOSO VAZ - É tudo o bisavô dele. O bisavô... toda essa volta foi dele.

- ALCEU - Esse, esses lugares no rio... era o rio... Papu
ri ou Apaporis.
- Henrique Vaz - Apaporis
- ALCEU - Ah, o Apapōris
- Apapōris
- ALCEU - E esses lugares, quando ele subiu o rio Apapōris
era um território, portanto, Colombiano, não?
- H. VAZ - É, portanto, é...
- ALCEU - Colombiano, não é?
- H. CASTRO - Não, porque naquele tempo ainda não havia, não
havia território...
- H. VAZ - Não havia ainda delimit... não, não havia limi
tes ainda.
- ALCEU - Ah...
- H. VAZ - Isso foi antes da, dos limites.
- ALCEU - Ah. antes da definição dos limites
- H. VAZ - É
- ALCEU - Perfeito
- H. CASTRO - Como eu mostrei mapa, aqui nōs temos ē limita
ção... (cruza Manoel Machado em Tukano). Nosso
velho avō ele andava toda parte aqui. Andava to
da parte.
Se. se, se eles tēcnicos, mostrasse tudo que ele
tinha p'ro nosso avō, nōs não tinha nem perdido
esta parte da Colōmbia. Porque comissão vieram
aqui sem perguntar... (Manoel Machado fala em Tu
kano)... Eu estou com 56 anos. A comissão vieram
aqui quando eu garotinho, eu me lembro, ele sabe
que aī... (Manoel Machado torna a cruzar em Tuka
no)... porque, como ele estā contando, estes que
estavam antigos, ele estā contando agora, naque
le tempo não tinha nenhum branco lã. (Manoel Ma
chado fala em Tukano...).

4) Bom, antes dessa..., antes dessa viagem que o velho fez, (Manoel Machado fala ainda em Tukano...) todos os antigos ainda, muitos antigos, todo o grupo Dessanos, Tuyukas, Tukanos vivia lá no, morava ainda em, em Tapuruquara, todo o grupo morava lá. Os ir... o irmão deles, ele veio, morou lá no Papuri, aqui no lugar, no rio Pa..., aqui no afluente do rio... aí ele morava.

Aí ele é... esse grupo souberam que esse... lá ti nha também é eles... era mesma coisa: havia muita epidemia, havia malária, havia muitas doenças. Aí eles souberam que a no tícia do irmão deles que morava p'ra cá ele estava bem sadio, não tinha nem problema de doença lá. Então aí eles subiram, vieram átrás deles. Daí que eles começaram se fixar nesses rios, de Tapuruquara p'ra cá. Quando ele chegou que daí ele foi de novo p'ra lá nê? a fim de procurar outro lugar que ele passou andando desses, desses lugares. Ele... era p'ra ele ficar lá, mas sô que os brancos sempre pegavam os índios p'ra lá ou p'ra trabalhar na piaçava, na sorva e muitas outras coi sas. Então é... o velho parece que não fixava num lugar, fica va com medo dos brancos que sempre tava pegando, não é?

5) Então, até aqui vai toda a história que, que o velho fez. Ele não tem mais.

H. CASTRO - O velho tirou, ele tirou ponto mais importante. Ele tirou ponto mais importante.

- Porque antigamente todos é, morava, são tribo Tu kanos, Dessano e Tuyuka.

H. VAZ - Era junto (... falam todos).

ALCEU - Aonde fica o Tapuruquã?

H. VAZ - Hoje em dia é... é município de Santa Isabel do Rio Negro. É município agora.

Manoel Machado lembra-se de mais fatos:

6) Bem, aqui existem ainda, ah, hoje em dia tem vários grupos de dos índios que também tem Dessanos, tem Tukanos, que foram p'ra lá. Tem muita gente morando agora no rio Curicuriari. E, esse rio é habitado agora.

H. CASTRO - Porque o que o velho está contando é do antigo. Agora ninguém sabe quanto tempo está habitado. Ninguém sabe.

H. VAZ - Agora, ele sabe que esse rio é habitado, é. Naquele tempo habitava tribo grande aqui, dentro desse igarapé, tribo grande. Porque esse tribo, né? É Kamā, Seroviāi. Seroviāi. Esses grupos era aqueles que habitava ainda naquele tempo quando o velho andava. (... continua falando em Tukano ... todos falam... riem).

ALCEU - Mas até hoje ainda existem então aldeamentos indígenas naquela região?
- Existe, existe.
- (fala em Tukano)

ALCEU - E aqui, no rio Miriti?

H. VAZ - Também

(Nesse momento, a gravação começa a falhar por problema de pilhas, prejudicando a reprodução durante segundos)

JOSE IEISSOÍ PAREROÁ

Falam em Tukanos. (por momentos; ruídos de cadeira arrastando).

ALCEU - Então vamos contar... então, vamos contar.
Falam e debatem no idioma.
Henrique Vaz, traduzindo:

- Então, como o rio Traíra era habitado naquele tempo até hoje, lá no, na cabeceira do rio Curicuriari existe muitos grupos deles, inclusive é... cunhados deles, os sogros deles, os primos, tem muitos grupos que estão vivendo lá. Existem hoje. E ainda existe no rio Ira. Os cunhado, aí no, no Igarapê Beija-Flor, que está dizendo, todos esses grupos estão aí hoje em dia, vão vivendo. Todos esses grupos viveram desde o... desde o... naquela época que o velho já andava, naquela época, já existiam naquela época, e hoje vivem lá. E não são poucos não, são muitos.

ALCEU - Esses grupos fazem aldeias abertas ou as casas ficam cobertas pela mata?

(É procedida a versão no idioma)

H. VAZ - Bom, antes eles faziam assim mesmo também. Eles são limpavam embaixo das árvores, faziam um tapizinho e moravam. Hoje em dia não. Eles derrubam bem, fazem abertura bem claro mesmo, eles tem casas bem grandes, eles vivem bem, agora. Antes, os antigos faziam assim mesmo no... nesse lugar, também como faziam no rio Traíra. Mas hoje não, eles fazem, abre bem ah, o sítio.

Cachoeira Karēpa	- Cachoeira da Chapada do Abio
Port'igue	- Serra ponteada
Cachoeira iut'ire	- Cachoeira do Pararã
Bürirã	- gente que desceu
Mimēsita	- tribo do Beija-Flor

IV. OS ÍNDIOS MAKU ABORDAM ASPECTOS DE SUA VIDA NOS RIOS TRAIRA
E APAPORIS

Transcrição de Fita

Pela manhã no dia 09 de março de 1986 estivemos pro
cedendo uma entrevista na aldeia Maku, com o Tuxaua Quirino,
que irá fornecer alguns dados do seu povo. A aldeia localiza-
-se logo acima da Cachoeira do Jacamim.

ALCEU - Bem, então, aonde vocês moravam?

LAURENTINO - No outro sítio lá em cima. Aí depois, ali ele
vem e... não sei quanto ele tá... não sei ainda não. Aí ele
veio morar aí no, p'ra cima, ah no, como é, Abio, aí no outro
acima Cachoeira do Andorinha, abaixo da cachoeira do Andorin
ha também, tudinho aqui no Cachoeira do Jacamim outro lado,
a gente vai agora lá p'ra baixo, acima do Vila Bittencourt nós
moramos primeiro, a gente veio subindo outra vez, aí nós veio
subindo. Depois a gente morava lá p'ra baixo a, Vila Bittenc
ourt outra vez a gente veio lutando outra vez, veio chegan
do aí, nós fazendo outros sítios, no outro ano, igarapê do
Piranha, aí nós moramos aí mesmo, um ano... acho que três
anos aí, o pessoal morrendo tudinho. Depois nós se mandamos
outra vez lá p'ra baixo, lá p'ra baixo no Pinheiro, nós se
mandamos. Aí nós moramo aí, aí não dava p'ra nós morar mais
não, aí nós viemos p'ra cá, aí nos ficamos aqui no outro, neste
sítio aqui. Aí, nê? nossa área todinha era mata aqui, falamos
Tukano também. Logo, não é, acima do invasor, desse cara
aí, (pessoal da Paranapanema encarregado do acampamento do
Jacamim) cima lá, nem um Tukano aí, agora disse, falando as
sim que ele mesmo meus companheiros morava antes mesmo aqui,
falando ah... nada disso, nosso avô que sabe ah, avô do pai
do meu pai sabe tudinho aqui, nê? Uma coisa que vem, nê? Não
é terra causa dele não, aqui os índios sabem, todo mundo nessa
área que estes índios sabem aqui, por exemplo, está morando
do aqui mesmo, nesse rio Traíra aqui.

ALCEU - Bem, vocês falaram que gostam muito de pupunha e açaí. Aonde vocês encontram mais pupunha e açaí?

(resposta em Maku por Quirino)

Tradução por Laurentino:

- Os pais nossos plantavam nosso pupunha,... leva mos uma mulher p'ra gente tirar pupunha, aĩ nōs, nōs chamou nossa família, aĩ vai quem quiser, querer ah... vai querer co mer pupunha, planta nosso planta, aĩ, baixo boca do Traĩra, on de nōs onde nōs tivemos, nōs estava palntamos banana, carā, macaxeira, mandioca, aĩ nōs arranca, arranca, a gente trazer e sentamos dentro da casa. A gente ralamos, aĩ tira... tira tapioca, a gente fazer beiju, se ele quiser eu, se ele quiser fazeĩ, querer manda p'ra.. escolhe gente mandar para fazer beiju, e onde estiver trazer o... chego ele aqui lago, lago do Traĩra. Aonde procura arranchozinha (sic) no meio do mato estā encontramos a fruta do sorva que, que tem o beira, beira do, beira do igapō encontramos, trazemos, chegamos dentro de casa, aĩ gente chegamos, tratar bem na peixe, a gente come, aĩ come gente, uma família... obrigado.

ALCEU - Aonde vocês conseguem o material para fazer a zarabatana, o veneno, as palhas para cobrir as casas e o tecid o para fazer as redes? Aonde vocês conseguem aqui na região?

- (resposta em Maku por Quirino)

- Tradução por Laurentino:

- Meu pai disse aonde ĩndio tã tirando isso, isso para... p'ra fazer zarabatana lā p'ra baixo, lā na cachoeira do Jacamim, lā na ilha (ilha do rio Traĩra, na cachoeira do Jacamim). A gente tã tirando material, a gente tã tirando aĩ mesmo p'ra (ininteligĩvel) veneno, que oferece assim aqui mesmo na coisa, sō arruma a gente tira aqui mesmo a gente usa p'ra zarabatana mesmo-todinho, todo o material, a gente assan do, a gente faz um arco aqui, um arco de... feito p'ra nōs usar aqui mesmo, ah uns o flecha, flecha outros, a flecha gran de, a gente tã tirando lā p'ra baixo, no pē do (ininteligĩvel)

p'ra nōs fazer, matar anta assim, procurar erva no lago, a gente tã tirando lã p'ra baixo. Aĩ paxiūba gente lota a pronto flecha paxiūba envenenada jã tudinho, aqui mesmo a gente tira lima outra vez todo o material a gente tira aqui, a gente usa, (ininteligível) porque a gente usa p'ra nōs matar uma caçazinha assim para nōs usar ela, não ē? Todinho, uma coisa que sabe tudo. E hã uma coisa isso assim, gente trouxe lã p'ra baixo (sic). Assim fosse, tudo bem, que a gente p'ra usar ela, para matar ela assim... ah...ē, e mesmo a gente tã virando ela todo mundo a gente usando isso, a gente índio, a gente tã pegando tucum, folha verde, a gente tira aqui mesmo, p'ra nōs usar, p'ra nōs fazer a rede, tudinho, ... a gente ē, tã bom, fazer cesta, gente tira cipō-titica, aĩ no outro lado, a gente tã sendo assim, aqui mulher, tã sendo esse, palmeira assim bastante grande, todinho p'ra ela. Aĩ nōs, nōs outro sō sabe fazer remo assim, remo mesmo, outros tã fazendo canoas, sabe fazer mesmo. Aqui, ah, outros tã tirando sabe fazer assim, os pregado (sic) assim tudinho, outros índios tã tirando p'ra curar umas perebazinhas, uma (ininteligível) p'ra botar, a gente tira do pau de embaūba, a gente tira ela, faz o preparado para botar ela, aĩ, aĩ, depois a gente tampa ela, a gente tirando ah... aĩ a gente botando ela deixando preparadinho, a gente usa ela, tudinho.

ALCEU - Aonde fica o maior cemitério que vocês dizem ter?

(resposta em Maku por Geraldo)

Tradução por Quirino

- Nōs temos cemitério ē lã no, ah... Piranha. Pegamos doente aĩ, gente pegamos doente, aĩ tal, aĩ morreu doze pessoas...nossa gente. Aĩ cata todo nossa gente aĩ nōs desce mos nossa aldeia. Aĩ depois fomos baixar, fomos aĩ, morreu outro, demais, aĩ nōs baixamos até na Vila, nōs tava lã fazendo tapiri nōs dormir, tem mas nem "coloquemos" casa nada. Ai ficou pensando minha cabeça. Fico hoje, tã bom aqui, vou colocar minha casa aĩ diz... estou p'ra roçar... dois dias, três dias, arranca barro, roçado, daĩ, derrubar, aĩ limpando aĩ, "coloque

mos" minha casa. Plantava maniva, limoeiro... Aí eles tinham (que) plantar maniva, cana, banana, cará, batata. Aí passamos um ano. Aí desci meu aldeia também. Aí fico pensando aqui mi nha área aqui do Traíra. Ai este Tenente (Ten. Marcos, ex- co mandante do pelotão) me falou:

- Aonde tu "nasceu", primo?

- Disse: Nasceu do Traíra, dizia isso p'ra ele.

- Então volta lá na tua área.

- Eu digo: tã, isto... fazer um... acima da catcho eira, digo p'ra ele... certo.

=
-

V. DISCURSO DO TUKANO PEDRO MACHADO RECEPCIONANDO A EQUIPE DA
FUNAI NO GARIMPO DO TRAÍRA

Transcrição de Fita

Sr. Sebastião Amâncio, Delegado da FUNAI, 1a.DR ; Sr. Alceu, ... Antropólogo; Sr. Cel. Dornelles, da Taboca, representando Paranapanema; Sr. Colombo, Engenheiro Agrimensor; ... meu povo.

É com honra que recebemos essa comitiva inesperada que há dias aguardávamos com maior número de nossos irmãos. Por dificuldades talvez da equipe interministerial tenha encontrado dificuldades no seu caminho, não chegando a concretizar na data prevista. Felizmente eles chegaram hoje, em número reduzido, mas chegaram.

Aos senhores da comitiva que chega... aqui apresento meu povo, o povo indígena constituído de várias tribos, de Tukano, Desano, Tuyuka, Meriti-Tapuya, Maku e demais tribos que aqui existem e que aqui trabalham. Nós precisamos solucionar nosso problema. Nosso problema sempre foi questão de terra. Para o índio a terra é a vida, já dizia nosso grande parente Guarani. Para o índio, cada dia que passa nesse imenso Brasil que nós temos, cada dia o pedaço de terra está diminuindo. Nós, índio desta região, não fazemos política. Nós não queremos criar casos que não nos venham dizer a respeito, que venham concretizar nossa meta que a dema.. é demarcação de terra.

Pelo pouco conhecimento que nós temos, sabemos que nosso Brasil existe problemas polêmicos, e estes problemas polêmicos, e estes problemas chegam a afetar o próprio índio. A esse índios que os senhores estão vendo que, nos tempos passados, não precisava de trabalhar para economizar; que não trabalhava para conseguir pouco de roupa, pouco de comida, para sustentar seu filho na escola. Ele desconhecia esse fator.

Mas a tal civilização veio, trouxe-nos os problemas e esses problemas que surgiram nós queremos que não sejam complicados, mas sim solucionados. Problemas são para serem solucionados e não para serem complicados. E assim, Sr. Delegado e demais equipe que estão aqui presentes. Acredito que esse, que essa vinda dos senhores aqui foi uma marca que vai ficar e essa marca vocês estão marcando, que nós estamos marcando, deve dar uma entrada para a solução do problema, questão de terra. O Índio não almeja a fim de ficar com a terra simplesmente, como muitos entendidos falam por aí, que o Índio só quer a terra para ficar nela morando e parando com o progresso do país. Isso é completamente diferente. Vejam os senhores com que, quando nós estamos vivendo aqui: O que nós queremos é trabalhar. O que nós queremos é progredir por nós mesmos, por nossos próprios esforços. O que nós queremos das autoridades, o que nós queremos do Governo é simplesmente um apoio, uma legalização que nos dê. Sabemos que o país passa uma situação muito difícil, em fator econômico. Nós, que não fazemos parte dessa grande sociedade... desenvolvida, conhecemos um pouco, sabemos da história... que o país atravessa fase muito difícil. Mas isto aí que não venha atrapalhar o que nós queremos. O que nós queremos é simplesmente trabalhar. Nela produzir (na terra), nela viver em paz. Estamos cansados é de serem perturbados, é de receber aqui, gente estranha, como aconteceu no dia 23 de... janeiro. Uma equipe composta de trinta e quatro homens inesperadamente aqui chegaram. Nós, Índios, não recebemos com violência. Muito pelo contrário, demonstramos aos cidadãos que aqui chegaram, que não, simplesmente não queríamos se envolver com eles. E também não queríamos que eles se envolvessem conosco. E assim, de uma forma legalmente nós conversamos, usamos a arma foi a linguagem franca, sincera. E assim, eu como administrador desse setor de trabalho de Índios, conversei com eles, comprei o que eles tinham para que eles não saíssem de bolso vazio. Mas, infelizmente, todo cidadão, todo homem que tem bom senso... querendo fazer o bem, muitas vezes ele não é reconhecido. E assim, meu povo

foi diretamente mal falado pela essa equipe de gente que este ve aqui, mal-agradecida eles saíram, ameaçando de morte. inclusive a, a meus irmãos, a minha família propriamente dita. Esta, estes problemas e outros têm criado polêmica aqui dentro. O índio que aqui existe, que aqui os senhores aqui estão vendo, não é mais aquele índio de 1500, mas sim um índio que tem pouco de cultura do branco e sabe qual é o direito dele e sabe p'ra que que ele luta e p'ra que que ele quer trabalhar. E assim, senhores, apresento meu povo trabalhador que aqui está, que aqui quer fixar trabalho dele, tanto na agricultura como na Pecuária e demais setores de trabalho para desenvolver a Sociedade Indígena. Nós estamos aqui por questão maior que nós queremos é solucionar a demarcação de terra. Acredito que os senhores estão dentro desse setor, desse problema e entendem porque nós queremos, de forma que nós não queremos violência. É lógico se a questão não for solucionada, nós buscaremos, acredito que os senhores apoiarão. Acredito que o meu povo quer é paz. Eles não querem violência, não querem matar ninguém. Muito homem civilizado julga o índio como se fosse um animal sem raciocínio. Muito homem branco da sociedade desenvolvida que se julga é muitas vezes errado, muito mais errado que o próprio índio, que não saiu da civilização do branco. E assim, senhores, acredito que os senhores estão-se benvindo durante a permanência e nós o procuraremos tratar da melhor maneira possível, que aqui vocês... nos dias que passarão aqui. Era o que tinha a dizer. (Palmas).